

Linha do Horizonte

Afalta de definição do governo sobre os rumos da política econômica, depois do abandono da âncora cambial e da disparada do dólar no câmbio comercial e no paralelo, deixou o terreno fértil para a volta da indústria de boatos que entrou em concordata após o Plano Real.

Há duas semanas o Brasil voltou a ficar infestado de mentirosos que espalham versões as mais disparatadas para facilitar jogadas especulativas. Os boatos calcam operações com ações na bolsa, com dólar (à vista, a futuro e no paralelo) e com títulos no mercado de derivativos, além de justificar aumentos nos preços de mercadorias.

Tudo isso está acontecendo porque a equipe econômica não teve a sensibilidade de perceber o impacto psicológico que a mudança busca nos pressupostos da estabilidade monetária e dos preços sob o Plano Real causaria na opinião pública quando a âncora cambial fosse levantada. Tanto mais que a providência foi inesperada.

Sempre se disse que a âncora cambial era provisória. Mesmo quando a equipe econômica reconhecia que o real estava sobrevalorizado, seus integrantes faziam questão de repisar que o câmbio só poderia ser movimentado em maior velocidade quando as reformas estruturais do Estado, destinadas a proporcionar o ajuste fiscal, estivessem bem avançadas e produzindo resultados.

O câmbio foi solto abruptamente e o governo ainda não conseguiu convencer a sociedade de que há outra âncora em seu lugar para evitar que o real e o sonho da estabilidade monetária naufraguem sob o mar agitado da especulação que tomou conta do Brasil. É verdade que o Congresso deu passos extraordinários nas duas últimas semanas, aprovando medidas impopulares, que reforçam o ajuste fiscal.

Só que a aprovação veio tarde. E não impediu a desvalorização do real (que deveria vir depois das reformas). Mesmo porque o efeito das reformas já aprovadas só acontecerá entre o fim do primeiro e o começo do segundo semestre. Até lá, é preciso quebrar as piores expectativas. Em economia (e os economistas do governo sabem disso), tão importante quanto o ru-

mo certo das medidas é a administração das expectativas.

O governo precisa dizer claramente o que vai ser feito daqui para a frente, depois que a arquitetura de estabilidade de preços relativos dos últimos cinco anos ruiu de uma hora para outra. Para onde o Brasil vai caminhar? 1 - para um processo interventionista, com centralização cambial e fechamento das fronteiras, mediante restrições quantitativas às importações, e maior rigor no controle dos preços internos? ou 2 - vamos manter o regime liberal, ajustado à nova realidade do câmbio?

A sociedade perplexa pede essas definições com urgência. Só elas poderão esvaziar o clima de incerteza que está favorecendo a ação desonesta dos especuladores, atravessadores e doleiros e inibindo os empresários que preparavam planos para o futuro imediato. O presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães, ao saber na terça-feira que o dólar no paralelo estava beirando os dois reais, declarou: "morte aos especuladores".

O Banco Central bem que tentou ontem, ao elevar as taxas de juros do *overnight* de 32% para 34% ao ano, e revelar que o custo do dinheiro vai subir um ponto percentual e meio nas operações diárias (hoje fica em 35,50% e segunda-feira em 37% ao ano) para desestimular as apostas em dólar contra o real no mercado. É insuficiente.

Os agentes econômicos perderam a noção de referência de preços. A mão do comércio exterior se inverteu. Os produtos importados que abasteciam os supermercados e seguravam os preços internos tornaram-se fator de pressão altista. A carne, o trigo, os laticínios e os óleos vegetais foram reajustados pela nova relação cambial que encareceu em quase 50% os preços em dólar.

Os produtores nacionais já seguram os estoques de matérias-primas procurando a maior remuneração das exportações. E só aceitam vender para o mercado doméstico se o comércio e os consumidores pagarem um reajuste mínimo de 20%, já que podem receber 40% a 50% mais se venderem para o mercado externo. O governo precisa retomar o rumo do país.